

Horácio e a sua Perenidade

**Maria Helena Rocha Pereira,
José Ribeiro Ferreira
e Francisco de Oliveira**

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

LEITURAS DE HORÁCIO NAS *CARTAS* DE ANTÓNIO FERREIRA

Aníbal Pinto de Castro
Universidade de Coimbra

A vida tem ironias que nos abrem por vezes na alma sorrisos, se não de alegria, pelo menos de complacência!

Vão passados quase 50 anos sobre o dia em que, no fim de uma aula de Latim, em conversa com a minha, e nossa, Mestre de sempre, a Senhora Doutora Maria Helena Rocha Pereira, eu me queixava algo enfadado da ênfase que ela punha no conhecimento da Epístola que Horácio escrevera aos Pisões na penúltima década do século I A. C., considerando-a, sobretudo por comparação com outros poemas de Virgílio e do próprio Horácio por nós estudados, uma razoável maçada!... A resposta veio então convincente e inequívoca – “Ainda me há-de dar razão, pois se trata de um texto fundamental em toda a história das literaturas europeias”.

Mal diria eu então que havia de passar depois grande parte da minha vida a estudá-lo!... E que hoje, no ocaso da minha actividade universitária, me sinto ainda de tal modo seduzido por ele que aceitei o convite da Senhora Doutora e dos Colegas que organizaram as celebrações do Dia da Latinidade, em 2004, para vir aqui propor-vos uma síntese da lição do Venusino *nocturna diurna que manu*, por António Ferreira, sem sombra de dúvida, um dos seus mais atentos e fiéis seguidores portugueses.

Venho na senda de alguns dos meus Mestres, em especial do Senhor Doutor Costa Ramalho e da Senhora Doutora Maria Helena Rocha Pereira, ou de Colegas como os Doutores Tom Earle e Isabel Almeida, que a este assunto têm dedicado trabalhos de modelar investigação, e ainda em companhia de alguns alunos a quem tenho procurado entusiasmar no sentido de levarem mais longe e mais fundo o trabalho que neste campo já fizemos, em especial o Mestre Rui Formoso, a quem ainda não desesperei de ver levar a bom termo a tese de Doutoramento que há demasiado tempo traz em mãos sobre a recepção dos *Carmina* na Literatura portuguesa. E por isso talvez não devesse ter aceitado este encargo. Pareceu-me, porém, que seria pena deixar sem representação, neste Colóquio sobre Horácio e a sua permanência nas Literaturas europeias, o nosso bom Ferreira, a quem, na Epístola VIII do Livro do I dos *Poemas Lusitanos*, a Pero de Andrade Caminha, celebrava nestes termos:

O bom louvas, Horácio, o mau acusas.
De bons ingenhos mestre artificioso,
não sofres falsas cores, vãs escusas.

Grave censor das Musas, quão iroso
te mostras contr' aqueles maus profanos
que se ousam coroar de louro honroso!

Suem e tremam, gastem bem seus anos
em teus preceitos, virão mais seguros
em ti, menos confiados em enganos.

Aqueles versos teus, doces e puros,
entenda eu sempre, e siga; eles abrandem,
eles dêem graça aos meus, frios e duros.

A ti leiam, grã Flaco, após ti andem
meus olhos, trás os que também te seguem,
como o bom Sá Miranda, a quem os céus mandem cantar mil anos cá...¹

Como declara a D. Vasco da Silveira, na Carta XII do Livro II, recorrendo ao consabido lugar comum da modéstia retórica, não desejava ser considerado poeta, glória reservada a Virgílio, a Homero ou a Horácio, a quem *obedecia*, isto é a quem seguia, tomando-o por excelente modelo a imitar:

Ser chamado poeta não mereço.
Poeta seja Maro, e seja Homero,
e seja o meu Horácio a quem obedeço.²

Não admira por isso que, mesmo sem morrer de amores por uma cultura portuguesa individualizada no contexto ibérico, D. Marcelino Menéndez y Pelayo o tenha justamente considerado “el *quinientista* por excelência, el *horaciano* y *latino*, el hombre del Renacimiento en Portugal”³.

Deste modo, e parafraseando Sá de Miranda quando, no soneto que acompanhava uma terceira remessa de versos ao Príncipe D. João, lhe dizia, acerca da sua fidelidade aos preceitos do mesmo Horácio, que, não podendo segui-lo de melhor modo, ao menos o fazia “em aparências”⁴, apenas prometo responder tão bem quanto puder e souber ao que me foi pedido para esta ocasião, pedindo desculpa do pouco que vos trago.

De acordo com o que me foi pedido, vou restringir-me ao conjunto das Epístolas inseridas nos *Poemas Lusitanos*, procurando rastrear no respectivo texto alguns dos sinais mais visíveis da leitura do paradigma horaciano. Mais do que conclusões, gostaria sobretudo de que as minhas palavras abrissem pistas ou, sobretudo, esclarecessem caminhos que outros estão já a percorrer. É que eu hei-de procurar sempre, até ao meu último alento, ser acima de tudo um professor de leituras!...

¹ *Poemas Lusitanos*. Ed. crítica, introdução e comentários de T. F. Earle. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, p. 282.

² *Ib.*, p. 366.

³ *Horacio en España*. 2.^a ed. refundida. Madrid, Imprenta de A. Pérez Dubrull, 1885, vol. II, p.298.

⁴ *Poesias* de Francisco de Sá de Miranda. Ed. feita [...] por Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Halle Max Niemeyer, 1885, p. 261.

Partirei para esta síntese de um conceito de intertextualidade, mais fundado no signo literário ou, se preferirmos, nas formas de conteúdo, que em aproximações textuais *stricto sensu*.

Desde que, a partir do ano 30 .A.C., o Venusino passou a dar aos *sermões* compostos em hexâmetros dactílicos, a forma de cartas em verso, acrescentando à preocupação didáctica e à função noticiosa a exploração de outras virtualidades de índole mais propriamente literária, estava definitivamente consagrada a epístola como um dos subgéneros líricos de maior fortuna na história da poesia europeia⁵. E não há dúvida de que, entre nós, foi António Ferreira quem, independentemente da anterioridade de Sá Miranda no seu cultivo, lhe deu a mais perfeita e ampla configuração, tanto conteudística como formal. De tal modo que nem o Romantismo conseguiu eliminá-la por completo do campo de interesses dos nossos homens e mulheres de Letras, da Marquesa de Alorna ao Visconde de Seabra que não hesitou em adoçar as canseiras da elaboração do nosso primeiro Código Civil com a tradução das *Sátiras e Epístolas*, publicadas, em dois volumes, em 1846, na tipografia portuense de Cruz Coutinho⁶, por certo um dos mais copiosos editores da ficção novelesca romântica, incluindo numerosas novelas de Camilo.

Nas odes como nas epístolas foi, com efeito, Ferreira uma espécie de Horácio português. A tal ponto que, ao prepará-las para a impressão, qualquer que tenha sido a intervenção do filho, Miguel Leite Ferreira, na organização dos *Poemas Lusitanos*, as agrupou em dois livros, com treze poemas cada um. E nem faltam exemplos de poemas epistolares enviados por ambos os autores a amigos (no caso de Ferreira, ao irmão Garcia de Fróis) que partiam em expedições oficiais ou militares, para as lonjuras do Império. Basta lembrar D. Constantino de Bragança ou João Lopes Leitão, esse misterioso amigo de Camões que conciliou outros afectos, como os de Caminha e do próprio Ferreira. E, para Horácio, Iulius Florus, que acompanhava Tibério numa das suas expedições, ou Bullatius, ausente nas Ilhas Jónias.

Note-se para começar que, tal como entre os destinatários das epístolas horacianas se contavam personagens de alto estatuto social e político, desde o próprio Augusto a Floro, companheiro de Tibério, passando por Mecenas, Tibulo, entre muitos outros membros do patriciado ou da magistratura romana, e sem esquecer, claro está, os Pisões, Ferreira carteara-se em verso com os Reis D. João III, D. Sebastião e D. Henrique, com príncipes da Casa Real, como o filho do Duque de Aveiro, D. João de Lencastre, o Infante D. Duarte ou D. Constantino de Bragança, bem com algumas das figuras da aristocracia portuguesa mais em evidência na Corte, nas Letras e na Milícia.

⁵ Veja-se a excelente síntese da história da epístola que António Manuel Ribeiro Rebelo elaborou para a *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*. Vol. 2. Lisboa, Editorial Verbo, 1997. Col.322-328.

⁶ *Satyras e Epístolas de Quinto Horacio Flacco traduzidas e anotadas*. Porto, na Typ. Commercial, 1846.

Tratava-se, pois, de gente que, por formação ou por estatuto, se enquadrava perfeitamente naquele paradigma social e literário que, na senda de Garcilaso, Camões definira como usando numa mão a espada e na outra a pena. Daí o carácter elevado dos temas abordados nesses poemas, onde o esquema métrico original dos hexâmetros dactílicos se via substituído pela *terza rima*, de tão característica marca dantesca.

Constituíam-se deste modo, e logo à partida, um conjunto de temas privilegiados e susceptíveis de interessar aquelas elites sociais e culturais que determinavam o gosto, as opções estéticas e até as regras de sociabilidade próprias da *res publica litteraria* que, mesmo quando a comunicação se fazia à distância, se movimentava longe e acima do *profanum uulgus*, que tanto parece atraí-lo, como já sublinhou a Senhora Doutora Maria Helena Rocha Pereira, e que seguia de perto o verso inicial da Ode I do Livro III dos *Carmina*. Basta recordarmos o começo da Ode I do Livro I dos *Poemas Lusitanos*, onde define, aliás, alguns dos temas e destinatários do seu canto:

Fuja daqui o odioso,
profano vulgo! Eu canto
a brandas Musas, a uns espiritos dados
dos céus ao novo canto
heróico e generoso,
nunca ouvido dos nossos bons passados...⁷

Ou o conselho que dá, na Ode V do mesmo Livro, ao Bispo de Coimbra, D. Afonso de Castelo Branco:

Fuge o vulgo profano,
vai com descostumada
e leve pena, Afonso, pelo ar claro,
deixando desprezada
a inveja, que em seu dano
perseguir o melhor tente, mais raro⁸.

Nas Cartas, encontramos bem desenvolvido e explicitado este conceito na V, escrita ao filho do Duque de Aveiro, D. João de Lencastre, quando lhe diz:

O cego povo, que não sabe crer,
nem estimar senão o que é pior,
como te saberá nunca entender?

Do mais inchado título, e maior
soberba e fausto mais se espanta, e honra
o mais sem honra, e ri-se do melhor⁹.

⁷ *Poemas Lusitanos*, ed. cit., p. 107.

⁸ *Ib.*, p. 113.

⁹ *Ib.*, p. 269.

É para esse escol que, tendo sempre sob os olhos a lição de Horácio, vai definir alguns conceitos de vida, onde procurava conciliar “d’ armas a justa guerra” com a “boa paz” das Letras, como diz na Carta II do Livro I, dirigida a Pero de Alcáçova Carneiro, como os dois esteios essenciais do império português¹⁰.

Se não rejeitava a verdadeira noção da glória da guerra justa, que reclamava com urgência a elaboração de uma epopeia, já a ambição materialista dos fumos da Índia e a vaidosa vanglória da nobreza de costado herdada sem méritos lhe mereciam convicta rejeição, fazendo-o apetecer a tranquila simplicidade da *aurea mediocritas*, que encontra a sua completa expressão na Carta IX, a D. João de Lencastre, uma das que mais beneficiaram da leitura de Horácio, como se pode ver desde o começo.

Assim, ao dizer ao destinatário “Se te conheço bem...”¹¹, tinha Ferreira em mente o *Si bene te noui*, com que Horácio se dirigia a Lollius¹².

Para além deste e de vários outros nexos intertextuais, interessa-me, porém, sublinhar agora a expressão clara do ideal da *aurea mediocritas*, situação sobremodo propícia ao *otium*. Vejamos, pois, o trecho, que, embora um tanto longo, valerá muito a pena recordar na íntegra:

Não há triunfos, já, não quebrar muro,
não coroas de palma, não de louro.
Ah, tempo a todo o bem ingrato, e duro!

Esta é a idade que chamaram d’ ouro:
tudo obedece só a este tirano.
Tanto valho, senhor, quanto entesouro.

Mas eu queria, só livre de engano
de mim mesmo, e dos homens, viver tal,
que, sempre um, esperasse o dia, e o ano.

Queria um bom estado meão, igual
em todo o tempo, ùa fortuna honesta,
que bastasse livrar-me de obrar mal.

O que convém à vida é o que presta.
Mau sempre, ou perigoso, o que sobeja,
que logo torce à via desonesta.

Fujo daquilo que se mais deseja.
Não quero eu amar tanto meus herdeiros,
que minha morte desejada seja.

¹⁰ Ib., p. 256 e 257.

¹¹ Ib., p. 287.

¹² Horace, *Épîtres*. Texte établi et traduit par François Villeneuve. 8.ème tirage. Paris, Les Belles Lettres, 1989, p. 119.

Não quero ser contado entre os primeiros.
Disto só me contento, a isto chegasse:
que o primeiro fosse eu dos derradeiros,

nem invejado fosse, nem invejasse.
Assi com meu espirito sossegado,
em tudo a meu estado m'igualasse.

Ah, meu Lancastro, se me fosse dado
remédio de fugir às tempestades,
em que anda todo mundo levantado,

em que por mim passassem mil idades,
por todas ledos, e rico passaria,
com só fugir vãs cortes, vãs cidades.

No verde campo me amanheceria,
veria o sol, saindo roxo, e claro,
a grossa névoa alçar, dourando o dia.

O que hão no mundo por melhor. Mais raro,
desprezaria; um só murmúrio brando
d'água corrente me seria caro.

Não às soberbas portas esperando
d'alta casa acharia a triste gente
que tão contínua em vão anda velando;

não de mármore altos, e esplendente
pedra estranha, lavrada por nova arte
de finas tintas, e ouro reluzente,

ergueria colunas; não, por parte
qualquer que fosse, levaria forçados
quantos achasse; não do fero Marte

a funesta trombeta, os tristes brados,
me soariam, não os golpes duros,
nem as quedas dos muros arrasados.

As minhas torres, os meus altos muros,
sejam quieto espirito, e vida pura,
em que meus pobres bens estêem seguros.

Meus pensamentos sejam na pintura
do céu vário, e fermoso, que me está
mostrando outra mais alta fermosura,

outra alta fermosura, que eu de cá
vendo, quanto se vê na baixa terra
fastio òs olhos, pejo ao espirito dá.

Ó doce campo, ó deleitosa serra,
vales sombrios, claras, e correntes
fontes, que bem secreto em vós s'encerra!

Em vós viveram as primeiras gentes,
antigos padres nossos; santa idade,
toda de mãos e peitos inocentes.

Em vós a alva inocência, a sã verdade,
igual justiça, andavam companheiras
da boa fé, da limpa castidade.

Por vós, passando em vós, as derradeiras
pegadas cá deixaram, aos céus subindo
da terra, às suas moradas verdadeiras.

Ali as brandas Musas, que seguindo
vou com tanto desejo, de hera, e louro
algũ hora me estêm a frente cingindo.
Partam outros o mar, soterrem ouro¹³.

Até pela sua extensão, o passo merece alguns comentários. Nem eu sei como se possam estudar estas matérias sem recorrer a essa forma de comunicação. Não só para esclarecer o sentido profundo dos textos, como para os enquadrar devidamente nos contextos culturais que lhes deram origem e que condicionaram a sua recepção!...

Das falhas culturais que talvez assim se possam evitar, deixem-me, para amenizar o enfado desta minha arenga, aduzir um exemplo, que encontro na “Agenda turística” Coimbra Viva, para os meses de Maio e Junho. Trata-se de um resumo do filme *Tróia*, do realizador Wolfgang Peterson, que irá exhibir-se num dos cinemas desta nossa *Lusa Atenas*... Transcrevo aquilo a que o douto (ou doura...) organizador do folheto designa por “sinopse”:

“Em Paris, no ano de 1193, um Príncipe de Tróia roubou Helena, Rainha de Esparta, ao seu marido Menelaus, o que originou a guerra entre os reinos de Mycenean da Grécia e Tróia. Os gregos iniciaram um cerco sangrento a Tróia, que durou 10 anos. Aquiles era o grande herói entre os gregos, enquanto Heitor, filho primogénito de Priam, rei de Tróia, incorporava as esperanças da população da cidade”.

Que tal, a pobre da *Madame* Helena, ali em Paris, em 1193, a chamar as atenções dos frequentadores do *Boul' Mich* !!!

¹³ P. L., p. 290-292.

Era, como diria Fernão Lopes, cousa fermosa, mas também algo desavergonhada de ver... Fecho o parêntesis.

As marcas da leitura de Horácio são múltiplas. Veja-se como o verso “Tanto valho, senhor, quanto entesouro”¹⁴ segue de perto o v. 62, da Sátira I do Livro I. Ou como no terceto que começa *Não quero ser contado entre os primeiros* desenvolve o pensamento presente nestes hexâmetros da Carta II do Livro II:

*Non agimur tumidis uelis Aquilone secundo;
non tamen aduersis aetatem ducimus Austris,
uiribus, ingenio, specie, uirtute, loco, re
extremi primorum, extremis usque priores.*¹⁵

O que, porém, mais importará sublinhar é como o poeta português aqui convoca vários motivos ou *tópoi* da poesia horaciana, mas enriquecendo-os com outros elementos da tradição greco-latina, que o Venusino naturalmente também não ignorara.

E seja o primeiro o mito da idade do ouro. Era motivo de abundante representação na antiga poesia latina e, por conseguinte, em todos os géneros da produção quinhentista em vernáculo, não faltando por isso fontes onde Ferreira a pudesse ter bebido, desde o *tempus aureum* que encontramos no *Epodo* 16 (64) de Horácio, à *aurea aetas* das *Metamorfoses* de Ovídio (I, 89). O traço de originalidade com que aqui deparamos é, porém, a manifesta ironia, de clara intenção satírica, que obtém a partir do trocadilho que relaciona a expressão, não com a felicidade moral expressa nos poetas antigos pelos semas de preciosidade, mas com a *auri sacra fames* que, no Portugal do seu tempo, a todos parecia devorar.

Com efeito, esta opção ganhava no contexto da sociedade portuguesa de Quinhentos, dominada pelas ambições da conquista e da aquisição das riquezas materiais, um significado de alto valor moral. Veja-se este passo da Carta X do Livro I, a Manuel de Sampaio:

Quão caro custa o bem, que o mundo dá!
Sempre em dor, ah, sempre em repentimento
o mor seu gosto acaba, e acabará.

Espritos vagos, vãos, como do vento
viveis? Como seguis quem tanto dana?
Em que assi descansais o pensamento?

Ah, que um só doce canto nos engana
de sereias cruéis, que no mor mal,
no mor perigo em vão nos desengana!

¹⁴ P. L., ed. cit., p. 290.

¹⁵ Op. cit., p. 177.

Quanto, Sampaio meu, quanto mais val,
meu bom amigo, um ócio, livre, e honesto,
que as Índias guerrear de Portugal!

Índia, Guiné, Brasil, e todo o resto
do mundo, a que nos chama, a que convida,
em mundo assi ambicioso, e desonesto?

Que bem, que alegria há, que destruída
não seja de mil males, que em espreita
parece que têm sempre nossa vida?

Busquemos ãa estrada mais direita,
amigo, com saúde, e com descanso
de vida, inda que humilde, aos céus aceita.

Do fresco prado pelo rio manso,
em leve barco verde de mil ramos,
de mil flores, rememos manso, e manso.

Mais ondas, mores mares não queiramos;
com nossa baixa vela, mas segura,
cheguemos ao bom porto, a que guiamos.¹⁶

O *locus amoenus* era ambiente de eleição para se concretizar esse ideal de vida simples e afastada da agitação da *Vrbs* (*Ibam forte uia sacra...* diria numa sátira de grande fortuna nas literaturas modernas!...), que o “grão Flaco” tão bem soubera concretizar na tranquilidade de Tíbur, como diz, por exemplo, a Mecenas, na Epístola VII do Livro I, reivindicando o direito de se deixar descansar longe de Roma e invocando o exemplo de Telémaco:

*Haud male Telemachus, prolis patientis Vlizei:
“Non est aptus equis Ithace locus, ut neque planis
porrectus spatiis nec multae prodigus herbae;
Atride, magis apta tibi tua dona relinquam”.
Paruum parua decent; mihi iam non regia Roma,
Sed uacuum Tibur placet aut inbelle Tarentum*¹⁷.

No consabido recurso à *contaminatio*, não fora Ferreira alheio à leitura das *Geórgicas* virgilianas (II, II, 461-462), por exemplo, nos dois tercetos em que rejeita a espera “às soberbas portas”.

De uma tradição tão antiga, que mergulhava as suas mais fundas raízes nos Poemas Homéricos, fora no entanto Virgílio quem definitivamente contribuía para a caracterização do *locus amoenus*¹⁸, pelo recurso à descrição das belezas

¹⁶ P. L., ed. cit., p.295-296.

¹⁷ Op. cit., p. 70.

¹⁸ Veja-se a excelente síntese de Sebastião Tavares de Pinho, in *Biblos* cit., vol. 3, cols. 224-

simples e naturais, que não podiam deixar de atrair também a sensibilidade do acatado Flaco. Ômito neste momento as aproximações textuais que o comprovam, que o tempo urge.

Note-se, porém, que se, por um lado, Ferreira não desdenha atingir com essa mediana simplicidade de vida a imortalidade simbolizada pelas capelas de hera e de louro, não deixa, por outro, de aspirar a que, deixadas neste mundo “as derradeiras pegadas”, possa subir da terra aos céus, “suas moradas verdadeiras”. Significa isto que o seu conceito de mediania dourada como que se cristianiza, numa tentativa de resolver o grande diferendo que atravessa todo o Renascimento português, que era, afinal, levantado pela necessidade de conciliar os valores estéticos das literaturas clássicas pagãs, com os deveres éticos e espirituais do Cristianismo que depois daqueles viera definitivamente marcar o espírito europeu.

É esta alteração que vem dar ao *carpe diem* horaciano uma configuração nova, porque mais espiritual e menos hedonista, ou, pelo menos, de um hedonismo mitigado, perfeitamente compatível com os deveres de consciência e de comportamento de um poeta cristão, em tempos tão agitados como os que a cisma luterana havia trazido à unidade da Igreja de Cristo.

E é para preencher esse *otium* que a actividade da criação poética assume tão relevante importância que o leva a dar para ela regras concretas, fazendo dele o mais completo e mais acessível teorizador da Poética portuguesa do Renascimento, num caminho em que segue *pari passu* as pisadas do acatado Mestre dos Pisões, cuja presença na pedagogia das Humanidades entre nós tinha já uma rica tradição, como procurei demonstrar noutros lugares¹⁹. Há-de fazê-lo um pouco ao longo de quase todas as Cartas, mas de modo especial na VII do Livro I, a Pero de Andrade Caminha, e na XII do mesmo, a Diogo Bernardes.

É para esse aspecto fundamental do seu horacianismo que passo agora a chamar a vossa atenção, em resumo muito sintético.

A teoria mimética da arte literária, de antiga e profunda raiz platónica e aristotélica, vai fundamentar-se para Ferreira numa interpretação então muito em voga, ainda que não de todo exacta, do primeiro hemistíquio do verso 361 da *Poética* horaciana – *ut pictura poesis*.

Mas o ponto essencial a ter em conta no que à criação poética dizia respeito era o do binómio arte / engenho e da respectiva primazia no trabalho do criador. Horácio pusera claramente a questão nos versos 408-411 da *Arte Poética*:

*Natura feret laudabile carmen an arte,
quaesitum est; ego nec studium sine diuite uena*

226.

¹⁹ Veja-se o meu artigo *Os códigos poéticos em Portugal do Renascimento ao Barroco. Seus fundamentos. Seus conteúdos. Sua evolução*, in “Revista da Universidade de Coimbra” XXXI, 1984, p. 505-532.

*nec rude quid prosit uideo ingenium; alterius sic
altera poscit opem res et coniurat amice...*²⁰

No seu rasto, escrevia Ferreira a Diogo Bernardes:

Questão foi já de muitos disputada,
s'obra em verso arte mais, se a natureza,
ũa sem outra val ou pouco, ou nada.

Mas eu tomaria antes a dureza
daquele que o trabalho, e arte abrandou,
que destoutro a corrente, e vã presteza²¹.

Os meios de aquisição da *arte*, isto é da *techné*, eram o estudo e a doutrina, ou seja, o saber teórico que, mediante um trabalho persistente, o poeta devia construir ao longo de uma porfiada aprendizagem. Horácio dissera *Scribendi recte sapere est et principium et fons* (v. 309) e Ferreira traduzirá, também para Bernardes, “Do bom escrever saber primeiro é fonte”²².

O tempo assumia por isso uma importância capital na formação do poeta.

Para a aquisição e sedimentação desse saber e para o conhecimento dos modelos que a perfeição havia erigido em paradigmas e que era preciso ler, como recomendara Horácio nos famosos versos, havia que compulsar constantemente os modelos gregos (vv.268-269: *Vos exemplaria graeca / nocturna uersate manu, uersate diurna*).

Mas também para o exercício ponderado de um contínuo aperfeiçoamento, através do celebrado *labor limae*, recomendado pelo Venusino ao dizer (vv. 289-294):

*Nec uirtute foret clarisue potentius armis
quam lingua Latium, si non offenderet unum
quemquem poetarum limae labor et mora. Vos, o
Pompilius sanguis, carmen reprehendite quod non
multa dies et multa litura coeruit atque
praesectum deciens non castigauit ad unguem.*

Os perigos da imitação servil eram por ele igualmente repudiados com fundamento horaciano, que escrevera: *O imitatores serum pecus, quod etiam significat in arte nec desilies imitator in arctum*.

Assim se alcançava o ideal da perfeição, que não admitia meio termo – a obra poética era boa, ou era irremediavelmente má. Ponderava por isso a Caminha:

²⁰ Ed. cit., p. 217-218

²¹ P. L., p. 306.

²² Ib.

Não sofrem as altas Musas meãmente
serem tratadas; tanto que do extremo
um pouco deço, caio baxamente²³.

Tal como Horácio dissera: *Si paulum a summo decessit, uergit ad imum* (v. 378).

Sobretudo assim se ponderava com reflectido vagar e crítica exigência a qualidade do que se escrevia, sem correr o risco de trazer prematuramente a público uma obra imperfeita, que uma vez dada a conhecer, não podia voltar ao recesso discreto da gaveta:

A palavra que sai ãa vez fora ,
mal se sabe tornar: é mais seguro
não tê-la, que escusar a culpa agora²⁴,

dizia a Bernardes. Como Horácio escrevera aos Pisões:

*Siquid tamen olim
scripseris, in Maeci descendat iudiciis auris
et patris et nostras, nonnumque prematur in annum
membranis intus positis; delere licebit
quod non edideris; nescit uox missa reuerti.*

E a mesma origem têm a doutrina que expende acerca da relevante importância da crítica, a sua apolínea concepção do *decorum*, e a função simultaneamente lúdica e pedagógica da poesia, de tão longa fortuna entre nós, baseada nos versos 333-334 da *Poética*:

*Aut prodesse aut delectare poetae
aut simul et iucunda et idonea dicere uitae.*

Esgotado já o tempo que me foi concedido, posso apenas tirar neste momento esta breve conclusão.

O horacianismo de Ferreira (e apenas tratámos das Cartas, já que as Odes têm merecido melhores olhos e mais aprimorados saberes que os meus) constitui um todo coeso e sistematizado, onde os ensinamentos de *Poética* se integram numa espécie de sistema expressivo, no qual a fidelidade de uma consciente adesão estética se conjuga com um sentido de actual modernidade, atenta ao contexto específico do tempo da escrita e à realidade humana e moral que o caracterizava, num país de tão flagrantes contrastes, de tantos dissídios e tantas incongruências como era o Portugal de D. João III e de D. Sebastião.

²³ P. L., p. 283.

²⁴ Ib., p. 306-307